

PSICOLINGUÍSTICA NA EDUCAÇÃO, DESCOBERTAS E INTERFERÊNCIAS NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA EM CRIANÇAS COM TDHA E DISLEXIA.

Maria Simone Franklin da Silva

Francisca Anice Bezerra

RESUMO

O ser humano busca efetivamente o motivo da sua essência e existência, pois nossas potencialidades nos tornam capazes de perceber o outro e os que estão a nossa volta. Pessoas absolutamente normais, até serem diagnosticados/rotulados, ocupam os espaços de discursos e de ações que deveriam ser destinados ao acolhimento e atendimento daqueles que realmente têm problemas. A esses, sob a máscara da inclusão, restam cada vez menos corações e mentes efetivamente sintonizados com eles... Até mesmo os poucos recursos públicos a eles destinados têm sido objeto de cobiça dos que inventam e reinventam as doenças do não-aprender e do comportamento. No presente estudo, teve-se como objetivo analisar o desempenho, em tarefas de leitura e escrita, de alunos com o diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), bem como um grupo de alunos dislexos, buscando-se identificar dados característicos da aprendizagem de tais habilidades nas crianças portadoras do TDAH e dislexia. Participaram do estudo dez crianças, alunos cursando o ensino fundamental, provenientes da escola da rede municipal de ensino de Juazeirinho. A amostra foi dividida em dois grupos: cinco alunos com dislexia (G1) e cinco alunos com TDAH (G2), frequentando a mesma escola. Os instrumentos de coleta de dados avaliaram: os níveis de competência nos processos de decodificação e/ou reconhecimento de palavras reais e inventadas, a habilidade para interpretar mensagens e informações presentes em um texto e os tipos de erros ortográficos. Usou-se, complementarmente dos testes do IDEIA e Teste de desempenho escolar. Os dados do estudo acusaram dificuldade na aprendizagem da escrita e leitura. Nos protocolos que avaliava leitura por decodificação ou reconhecimento de palavras, o Grupo TDAH apresentou menos erros que o Grupo 1(um). A análise da produção dos sujeitos com TDAH avaliados permitiu concluir que, face à peculiaridade da aprendizagem dessas crianças, a internalização de algumas estruturas linguísticas mostra-se de aquisição mais demorada, e que a dificuldade em coordenar a atenção, a análise e a execução visomotora em tarefas de escrita mediante cópia constituiu um fator altamente complexo para tais alunos. Esses resultados sugerem que a cópia não é uma tarefa adequada ao processo de ensino/aprendizagem dos alunos com TDAH. É importante ressaltar que os dados obtidos não podem ser generalizados, uma vez que a amostra representada, apresenta um número simbólico para um mostra populacional.

Palavras-chave: Aprendizagem da leitura e escrita; Transtorno do Déficit de atenção/Hiperatividade (TDAH); Dislexia;

INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem da leitura requer esforço cognitivo por parte de uma criança como também exercícios adequados e sistemáticos. A leitura envolve vários processos visuais, fonológicos, semânticos e linguísticos, ativando diversas partes do cérebro da criança. A neurociência por sua vez, se revalida de buscar compreender o funcionamento do sistema nervoso e a sua ligação com a fisiologia do organismo, que estão também incluídas as relacionadas aos mecanismos de atenção, memória, aprendizagem, emoção, linguagem e comunicação relevantes para o campo educacional.

A fim de tratar do diálogo entre a neurociência, educação e psicolinguística, especificamente sobre a aprendizagem inicial da leitura e escrita, o intuito deste estudo é apresentar e discutir prática voltada para crianças classificadas de CID10 R48 (dislexia e outras disfunções simbólicas, não classificada em outras partes – dislexia e alexia) CID 11 6A02.2 (Transtorno do espectro do autismo sem deficiência intelectual – DI e com linguagem funcional prejudicada. Cid F90 (Transtorno do déficit de Atenção com Hiperativa) cujo comportamento, apresenta dificuldade de aprendizagem no processamento de escrita e leitura e suas relações com o código linguísticos.

A nascente desta investigação é entender teoricamente quais as contribuições que a psicolinguística traz para compreender o processo de aquisição e leitura e escrita dos sujeitos neurotípicos com TDAH e a Dislexia. O estudo está contido na psicolinguística, área de língua e linguística com contribuições na formação de conceitos, evolução mental e determina de que maneira a criança adquire os problemas a ela relacionados e as relaciona na busca de soluções no campo da aprendizagem.

Este projeto se constituiu de grande relevância e contribuiu diretamente como os professores do ensino regular do município de Juazeirinho, fazendo com que o reflexo desta pesquisa possa influenciar diretamente na aquisição do processo de aprendizagem, na cognição e metacognição do código linguístico aos quais encontram-se em fragilidades nesses sujeitos. Serviu como base, para promover formação continuada aos docentes de disciplinas específicas, onde possam entender as implicações que se resguardam por trás de uma memória de curto prazo em “falha de circuito” e o que essas implicações poderão orientá-los, quando o assunto é promover atividades com propostas inclusivas.

DTHA, Dislexia e o papel da escola na aprendizagem das crianças atípicas

Conforme a realidade cotidiana vem se apresentando, caberá ao profissional de educação ampliar seus conhecimentos sobre o comportamento dos alunos em contexto escolar para que adquira capacidade de sinalizar os sintomas característicos da desatenção, hiperatividade e impulsividade, expressos em sala de aula. Há quem ressaltam o seguinte: (...)os professores da pré-escola podem e devem ser treinados a identificar crianças pré-escolares sob risco não apenas de problemas de hiperatividade. Todavia, não é apenas na fase inicial que se pode observar e ter parâmetro inicial. Observa-se também que (...)os sinais precoces de incapacidades de aprendizado e outros distúrbios psicológicos, como aqueles relacionados com a ansiedade e a depressão podem ser observados. (GOLDSTEIN S. e GOLDSTEIN M. (2003, p. 79).

De acordo com a LDB nº 9.394/96 (BRASIL, 1996, p. 17):

A educação especial refere-se à modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino para educando portadores de necessidades especiais. Considera-se alunos com necessidades educacionais especiais aqueles que apresentam significativas diferenças físicas, sensoriais ou intelectuais decorrentes de fatores inatos ou adquiridos, de caráter permanente ou temporário, que resultem em dificuldades ou impedimentos no desenvolvimento do seu processo ensino-aprendizagem.

É inquestionável a relevância que o professor tem na história do desenvolvimento cognitivo e psíquico da criança, a este profissional caberá observar diariamente, durante o período de aula, o que não é possível o aluno controlar em relação aos sintomas que caracterizam o TDAH.

O termo hiperatividade refere-se a um dos distúrbios de comportamento mais frequentes na idade escolar caracterizado por um nível de atividade motora excessiva e crônica, déficit de atenção e falta de autocontrole. Segundo Neves, (2005, p. 8):

A hiperatividade em si não é uma doença é, geralmente, um sintoma de algum distúrbio como TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), alguns tipos de DDA (Distúrbio de Déficit de Atenção) TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo) e outros distúrbios de aprendizagem ou comportamento.

A observação a ser feita deverá se restringir ao comportamento da criança e não deixar que o grau de irritabilidade causado pelo comportamento inadequado do aluno interfira, comprometendo a qualidade e a veracidade dos fatos registrados e observados pelo professor.

O professor deve estar atento para estas questões e manter o equilíbrio e a clareza para

não chamar de hiperativas as crianças que demonstram comportamentos ativos apropriados para a idade, sem a priori analisar o contexto social, familiar e educacional, principalmente as condições físicas da criança e do ambiente, bem como a sua própria atuação, enquanto educador.

De acordo com Garcia (2001, p. 37):

[...] as atitudes pessoais dos docentes (relativamente às transgressões da disciplina escolar e as diferenças entre os próprios professores quanto à tolerância para com as condutas interativas) influem no surgimento de problemas comportamentais nas crianças em idade escolar.

Atingir esse nível de percepção demandará deste profissional, competência, equilíbrio, criatividade, intuição e o jogo de cintura para enfrentar as situações desagradáveis que poderão emergir no cotidiano da sala de aula. A hiperatividade poderá estar na mente do observador, quando diz que dependerá do que se espera do comportamento de uma criança e do grau de tolerância do adulto, pois há crianças consideradas hiperativas, quando seus pais ou outras pessoas criam expectativas diferentes daquilo que elas realmente possam dar.

Em 2003, tomando como base a definição da dislexia pela Associação Internacional de Dislexia, a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) define a dislexia como sendo:

Dislexia é uma dificuldade de aprendizagem de origem neurológica. É caracterizada pela dificuldade com a fluência correta na leitura e por dificuldade na habilidade de decodificação e soletração. Essas dificuldades resultam tipicamente do déficit no componente fonológico da linguagem que é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas consideradas na faixa etária (ABD, 2003).

Essas variáveis têm de ser descartadas para um diagnóstico de dislexia. Em outras palavras, para dizer que um aluno para ser disléxico deve-se excluir os seguintes aspectos: a) tempo de leitura com tempo abaixo de 300 milissegundos por letra; b) retardo mental; c) escola e/ou método ineficiente e/ou professor despreparado; d) histórico social ou familiar que justifique a dificuldade de aprendizagem) audição e visão fora dos padrões de normalidade (GUARESI, 2013).

O que a ciência tem mostrado é que há forte indício genético envolvido no diagnóstico da dislexia. Entre irmãos, se um dos membros for acometido de dislexia, a probabilidade de que um de seus parentes diretos sofra da mesma patologia é da ordem de 50% (PAULESU et

al., 2001 apud GUARESI, 2013).

Quanto aos aspectos anatômicos, os cérebros dos disléxicos apresentam estruturas atípicas. Examinando longitudinalmente o cérebro de um disléxico, o neurologista Albert Galaburga, descobriu numerosas “ectopias” que em grego quer dizer “os neurônios não estão em seu lugar” (DEHAENE, p. 256, 2012) o que resulta em malformações corticais e subcorticais que têm origem no curso da gestação, período em que os neurônios estão migrando para seu destino final no córtex (DEHAENE, 2012).

As ectopias, por razões desconhecidas, se concentram principalmente no hemisfério esquerdo, em torno das áreas implicadas no tratamento da fala, mas igualmente na região occípto-temporal esquerda que joga um papel tão importante no reconhecimento visual das palavras. Fatiadas por neurônios mal colocados, essas regiões não mais funcionariam em seu nível ótimo, o que acarretaria déficits fonológicos e visuais sutis, com frequência transformados em dislexia (DEHAENE, p. 267, 2012).

Nesse aspecto, ainda se verifica que o cérebro de leitores normais e leitores com dislexia apresentam diferenças estruturais no plano do lobo temporal, uma vez que se pode averiguar que nos cérebros disléxicos o lobo esquerdo é diminuído em relação ao direito (GALABURGA; GESCHWIND, 1980 apud ALVES, 2013).

Nesse contexto, as trocas, inversões, omissões e junções de letras, a segmentação não convencional, a escrita em espelho, a adição de letras ou sílabas e a confusão de letras foneticamente semelhantes (IANHEZ; NICO, 2002; COUDRY; SCARPA, 1985; MASSI, 2007) são apresentadas no conjunto das chamadas manifestações disléxicas que, quando aparecem na produção escrita, formam uma bússola para diagnosticar ou apontar os sujeitos portadores dessa patologia (MASSI, 2004). Conforme Massi:

(...) a construção dessa modalidade de linguagem implica um processo de reflexões constantes. Afinal, aprender a escrever significa cometer, de início, muitos erros resultantes de diferentes hipóteses lançadas sobre a escrita. Por isso, erros, trocas de letras, substituições, acréscimos, refacções, segmentações inadequadas, entre tantas outras “faltas” distantes da noção de dislexia, assumem o estatuto de indícios próprios do processo de apropriação da escrita (MASSI, 2004, p.407).

Através da elaboração desse trabalho, pode-se notar que apesar de o TDAH e a dislexia não ser um problema novo, somente no último século começou-se a estudar tal assunto que atinge uma grande parcela da população. Percebe-se que o conhecimento sobre TDAH e a

dislexia na comunidade científica está bem avançado, o que não acontece com a população leiga.

A escola, como instituição que objetiva preparar o indivíduo para o convívio em sociedade, tem papel fundamental, assim como o Orientador Educacional, no processo de auxílio ao tratamento, usando de estratégias de manejo dessas crianças e adolescentes, para que haja a inserção das mesmas na sociedade. Na tentativa de aliviar o sofrimento, desde os problemas de aprendizagem ao relacionamento social que para estas crianças e adolescentes é geralmente conturbado.

Enfim, para que se obtenha melhor resultado é importante que o professor organize através de registros ou portfólio o desenvolvimento acadêmico, social e afetivo do aluno e relate como foi seu procedimento diante das intervenções feitas em sala de aula. Sendo o professor uma das fontes de informações consultadas para coleta de dados dos sintomas do TDAH e a dislexia é o profissional mais solicitado pelo aluno, sendo de extrema ajuda para auxiliar os profissionais envolvidos na avaliação diagnóstica do transtorno e no processo de aprendizagem e socialização do aluno no contexto escolar.

2.1 A LINGUAGEM E SEUS DESAFIOS: HIPERATIVIDADE E DESATENÇÃO

A linguagem falada é o principal modo de comunicação presente em todas as culturas e sociedades conhecidas (LENT, 2001, p. 623). Pensar, prever, antecipar, planejar, agir, avaliar, reformular a ação, e assim sucessivamente, são algumas habilidades humanas que exigem um código lingüístico. Vigotski (2000), em seus estudos, considera que a linguagem surgiu como um instrumento lógico e analítico do pensamento. O sujeito, ao interagir com o ambiente (mundo externo), internalizaria elementos desse ambiente, recriando significados rumo a uma regulação de seu próprio agir.

Sob um pensamento da neurociência, a desatenção aliada ao déficit de controle motor, de compreensão e organização das ideias e informações, reponde de forma imprescindível aos arcabouços da neurociência, para que possamos entender que para além desta ausência, existem uma região cerebral que se comporta de forma diferente, especificamente o pré-frontal, e suas conexões estriatais cujo os substratos são os neuroanatômicos mais importantes para a função executiva. Na espécie humana o lobo frontal representa, aproximadamente, um terço da estrutura cerebral e mantém conexões recíprocas com múltiplas e amplas áreas corticais e subcorticais, o que lhe confere condição privilegiada para monitorar e participar dos processos

cognitivos (CYPEL, 2006, p. 378). Sob esse pensamento cognitivo, a concentração do neurotransmissor dopamina resultante de um equilíbrio entre os receptores neuronais, que o metabolizam, e os transportadores, que fazem a recaptção sem metabolizar, guardando-os para outra ocasião se apresenta nestes sujeitos com maior fragilidade ou déficit. Havendo menos receptores que receptores, a entrada da dopamina em nível neuronal é diminuída. Estudos de neuroimagem já demonstraram que, em pacientes com TDAH, existe um excesso de transportadores, o que poderia explicar a deficiência de dopamina nesses sujeitos. Assim entendemos que a criança com esse distúrbio terá dificuldade no seu amadurecimento cerebral tornando lento, a percepção da capacidade de aprendizagem satisfatória.

2.3– CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLINGÜÍSTICA NA DISLEXIA E NO TDAH

Segundo noailles apud santos (1987, p. 7), como a própria definição sugere, a dislexia pode ser considerada uma síndrome pedagógica especial, um distúrbio de aprendizado ou uma incapacidade específica de aprendizagem. é um aspecto de fundamental importância escolar, entretanto, tem, em seu atendimento, relações estabelecidas com outras áreas de desenvolvimento (neurológicos, orientação espaço-temporal, oftalmológicos, psicológicos, auditivos).

A consciência fonológica desenvolve a consciência de palavras, de rimas e aliterações, a consciência de sílabas e, finalmente, a consciência de fonemas, com um grau de dificuldade crescente, sendo as atividades apresentadas de forma lúdica, estimulando o interesse e a participação dos alunos. As dificuldades apresentadas pelo disléxico independem do método convencional de alfabetização empregado, embora surjam com maior frequência, em se tratando do método de natureza global. Os franceses denominam de dislexia específica de evolução aquela em que os sintomas tendem a desaparecer espontaneamente, por serem referentes à leitura e escrita.

No início do processo de alfabetização, é natural surgirem dificuldades entre as letras p, b, q e d. As inversões ocorrem. Repetir a letra final das palavras, trocar pronomes, uma vez que a criança reconhece palavras pelo feitiço das mesmas; letras características; ou tamanho de palavras. Com o desenvolvimento da capacidade de ler e escrever, esses problemas tendem a desaparecer. Já, nos disléxicos isso não ocorre. Os erros persistem além do período comum do aprendizado convencional.

As crianças consideradas de risco ou disléxica perdem, paulatinamente, o interesse e o gosto pelas práticas educativas, devido à má compreensão dos textos que leem, e apresentam

uma escrita deficitária, que merece atenção. A respeito desse processo, podemos afirmar, conforme os estudiosos da neurociência **Dehaene** e Cosenza & Guerra, que a leitura precisa ser ensinada por meio de dedicação e exercícios. Sendo assim, o ensino sistematizado é essencial para que a criança aprenda, por exemplo, a pronunciar as palavras corretamente, de forma a assegurar a conexão entre a representação gráfica das letras e o som correspondente. O processo de conhecimento dos símbolos da escrita e a sua correspondência com os sons da linguagem poderá fornecer a base para aprender a ler.

A escola, como instituição que objetiva preparar o indivíduo para o convívio em sociedade, tem papel fundamental, assim como o Orientador Educacional, no processo de auxílio contribuir para o processo de alfabetização usando de estratégias de manejo dessas crianças e adolescentes, para que haja a inserção das mesmas na sociedade.

METODOLOGIA

Aos olhos da neurociência, quando pensamos nas áreas cerebrais que são afetadas aos dislexos e TDAH, colocaremos em proposta a inserção de práticas pedagógicas que explore o movimento, uso do corpo enfatizando a concepção do fazer-aprender, experienciando e testando, permitindo por meio desta prática aumente-se os fluxos sanguíneos nos lobos temporais nos alunos dislexos e controlando a impulsividade dos TDAH. A práxis da motricidade aliada ao aprendizado com sua eficácia e eficiência na promoção e qualidade da aprendizagem, permite um ganho na concepção da aprendizagem, na melhora do cognitivo, habilidade, espaço e controle visual, gráfico e fonético(dehaene,2012).

Neste pensamento este estudo se caracteriza por ser experimental e transversal realizado com crianças do ensino público municipal da cidade de Juazeirinho-PB. Participaram deste estudo 10 crianças do 2º ano até o 5º ano do ensino público fundamental municipal da escola municipal Cicero Francisco de Souza, de ambos os gêneros e na faixa etária entre 6 a 10 anos de idade.

A identificação para dislexia e TDAH nas crianças deste estudo foi realizada a partir do laudos disponibilizado pela escola e os relatório já disponíveis pelo os professores, aos quais já apresentava o déficit nas habilidades fonológicas e conhecimento de letra-som, em crianças cuja característica para dislexia e TDAH (habilidade de leitura e escrita) . Inicialmente todas as crianças deste estudo foram submetidas aos seguintes procedimentos: – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido anteriormente ao início do estudo, os pais ou responsáveis pelas crianças selecionadas assinaram o Termo de Consentimento autorizando a aplicação dos

procedimentos deste estudo. – Teste para identificação precoce dos problemas de leitura: Foi aplicado o teste IDEIA e o TDE (Teste de desempenho escolar) que oferece suporte teórico para a realização deste estudo:

1. Conhecimento do alfabeto: foi apresentado à criança o alfabeto de forma aleatória para que esta identificasse o nome da letra e o valor sonoro de cada letra apresentada.

2. Consciência fonológica: composta por testes de produção de rima, identificação de rima, segmentação silábica, produção de palavras a partir do fonema dado, síntese fonêmica, análise fonêmica, identificação de som inicial.

3. Memória de trabalho: foram apresentadas às crianças 15 pseudopalavras auditivamente e solicitado que repetisse como havia entendido.

4. Velocidade de acesso à informação fonológica: foram apresentadas as crianças sete sequências intercalada de desenhos coloridos (carro, bola, pato, casa e chave) e solicitado que realizasse a nomeação rápida.

A aplicação deste procedimento durou em média 50 minutos em dias alternados e foi realizado individualmente em apenas uma sessão durante o horário de aula das crianças, com a anuência e autorização da professora e da direção da escola em que foi realizado o estudo. Conforme apresentado, os alunos submetidos apresentam um diagnóstico por meio de neuropediatria em TDAH e Dislexia, para tanto, foi feita uma distribuição em dois grupos de crianças para aplicação do protocolo do IDEIA e o teste de desempenho escolar (TDE) na abordagem individual. O teste IDEIA, foi aplicado neste público por gênero, bem como, por caso situacional. No G1 ficou nomeado como o da dislexia, onde foi aplicado o teste ideia com aplicação do protocolo para teste das letras, fonemas, palavras e frases; teste de leitura; teste de escrita e teste da contação de história. No G2, o grupo do TDAH, foi apresentado o teste de desempenho escolar, onde foi verificado o nível de leitura de palavras canônicas e não canônicas; velocidade prosódica da palavra; relação grafema-fonema, escrita (segmentação da palavra).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na investigação dos estudos relacionados à alfabetização, tanto para crianças com dislexia, quanto para crianças com TDAH foram observadas dificuldades no processamento fonológico, o que prejudica o processo de aprendizagem da leitura dessas crianças. Durante a

realização dos testes, não foi observado um melhor método de alfabetização a ser considerado para crianças disléxicas e ou TDAH. No entanto, diante dessa dificuldade no processamento fonológico, especialmente nas habilidades de consciência fonológica, reconhecimento letra e som e rimas, pode-se levar em consideração que esses aspectos se apresentam como um fator de dificuldade durante a alfabetização dos sujeitos disléxico e/ou TDAH, tendo em vista a importância do processamento fonológico para o sucesso da leitura.

Após a leitura das literaturas selecionadas, o objetivo foi buscar informações científicas com quais abordassem os diferentes aspectos da alfabetização, tanto para as crianças com TDAH quanto para disléxicos. Assim, foi observado a predominância de fragilidade no conhecimento do código linguístico e sua aquisição no gênero masculino, toda via, a presença feminina também se fez presente, mas que, em uma proporção menor.

Os testes aplicados serão expostos pelo os grupos, G1 e o G2, sendo o grupo G1-crianças com diagnósticos com dislexia e o G2 com o TDAH. Após realizado o teste Ideia com o pré-teste para letras, fonemas, palavras e frases, sendo aplicado com o G1, observou-se em síntese:

Tabela 1 - Resultados da Aplicação dos Testes do IDEIA (Pré-Teste) G1 - Disléxicos

ALUNOS	TESTE DAS LETRAS, FONEMAS, PALAVRAS E FRASES	TESTE DE LEITURA	TESTE DE ESCRITA	TESTE DE COMPREENSÃO DO SENTIDO DA HISTÓRIA CONTADA	MÉDIA GERAL
Aluno 1	4,0	4,0	1,0	5,0	3,5
Aluno 2	2,0	4,0	4,0	8,0	4,5
Aluno 3	4,0	4,0	4,0	8,0	5,0
Aluno 4	2,0	1,0	1,0	5,0	2,3
Aluno 5	2,0	1,0	1,0	5,0	2,3

Tabela 2 - Resultados da Aplicação Testes do IDEIA (Pós Teste)

ALUNOS	TESTE DAS LETRAS, FONEMAS, PALAVRAS E FRASES	TESTE DE LEITURA	TESTE DE ESCRITA	TESTE DE COMPREENSÃO DO SENTIDO DA HISTÓRIA CONTADA	MÉDIA GERAL
Aluno 1	6,0	4,0	7,0	5,0	5,5
Alunos2	7,0	4,0	7,0	8,0	6,5
Aluno 3	8,0	7,0	7,0	8,0	7,5
Aluno 4	5,0	4,0	4,0	5,0	4,5
Aluno 5	4,0	4,0	7,0	6,0	5,2

Tabela 3 - Resultados da Aplicação Testes do IDEIA (Pré/Pós Teste)



ALUNOS	TESTE DAS LETRAS, FONEMAS, PALAVRAS E FRASES	TESTE DE LEITURA	TESTE DE ESCRITA	TESTE DE COMPREENSÃO DO SENTIDO DA HISTÓRIA CONTADA	MÉDIA GERAL
Aluno 1	4,0/6,0	4,0/4,0	1,0/70	5,0/5,0	3,5/ 5,5
Alunos2	2,0/7,0	4,0/4,0	4,0/70	8,0/8,0	4,5/6,5
Aluno 3	4,0/8,0	4,0/7,0	4,0/70	8,0/8,0	5,0/7,5
Aluno 4	2,0/5,0	1,0/4,0	1,0/4,0	5,0/5,0	2,3/4,5
Aluno 5	2,0/4,0	1,0/4,0	1,0/7,0	5,0/6,0	2,3/5,2

Fonte: Arquivo Pessoal.

Comparando os dois momentos de avaliação por meio do Teste IDEIA foi possível observar que as crianças do GI (disléxico) submetidas ao projeto de intervenção apresentaram diferença estatisticamente significativa para as provas de teste das letras, fonemas, palavras e frases; teste de leitura; teste de escrita e teste da contação de história, indicando melhora nas habilidades semântico- pragmático. Entretanto, as crianças do GI apresentaram diferença estatisticamente significativa nas provas de teste de compreensão de sentido da história contada, demonstrando que os conteúdos oferecidos pelo professor em sala de aula vieram a favorecer a melhora do desempenho destas crianças no processo de aprendizagem. Em situação de pós-testagem, as crianças do GI obtiveram bom desempenho em todos os testes, sendo observado avanço em todos os sujeitos da pesquisa, conforme mostra a tabela 2.

Com o G2, foi realizado o teste de desempenho escolar, tendo em vista que os professores disponibilizaram os relatórios dos alunos em pesquisa, onde nos quais poderia se observar o avanço no nível de leitura alfabética. O TDE é um teste que avaliar habilidade de leitura e escrita, apresentando padrões de sub teste escrita e leitura prosódica. Além do teste TDE, foi incluído o protocolo dois do IDEIA como forma de agregar os resultados para com os sujeitos apresentados. Observa-se os res **Tabela 1 - Resultados da Aplicação Testes do TDE (Pré-Teste) G2 - TDAH**

ALUNOS	TESTE DE METAFORAS E INFERENCIAS	TESTE DE LEITURA RAPIDA	TESTE DE ESCRITA	TESTE DA TEORIA DA MENTE	MÉDIA GERAL
--------	----------------------------------	-------------------------	------------------	--------------------------	-------------



Aluno 1	5,0	4,0	1,0	4,0	3,5
Alunos2	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0
Aluno 3	6,0	4,0	4,0	4,0	5,0
Aluno 4	6,0	1,0	1,0	4,0	3,0
Aluno 5	5,0	1,0	1,0	4,0	2,75

FONTE: Arquivo pessoal

Tabela 2 - Resultados da Aplicação TDE (Pós Teste)

ALUNOS	TESTE DE METAFORAS E INFERENCIAS	TESTE DE LEITURA RAPIDA	TESTE DE LEITURA E ESCRITA	TESTE DA TEORIA DA MENTE	MÉDIA GERAL
Aluno 1	6,0	4,0	5,0	4,0	4,75
Alunos2	6,0	4,0	5,0	10,0	6,25
Aluno 3	8,0	7,0	5,0	10,0	7,5
Aluno 4	6,0	4,0	4,0	4,0	4,5
Aluno 5	6,0	4,0	4,0	10,0	6,0

Fonte: Arquivo Pessoal.

Tabela 3 - Resultados da Aplicação Testes do TDE (Pré/Pós Teste)

ALUNOS	TESTE DE METAFORAS E INFERENCIAS	TESTE DE LEITURA RAPIDA	TESTE DE LEITURA E ESCRITA	TESTE DA TEORIA DA MENTE	MÉDIA GERAL
Aluno 1	5,0/6,0	4,0/4,0	1,0/5,0	4,0/4,	3,5/4,75
Alunos2	4,0/6,0	4,0/4,0	4,0/5,0	4,0/4,0	4,0/6,25
Aluno 3	6,0/8,0	4,0/7,0	4,0/5,0	4,0/10,0	5,0/7,5
Aluno 4	6,0/6,0	1,0/4,0	1,0/4,0	4,0/10,0	3,0/4,5
Aluno 5	5,0/6,0	1,0/4,0	1,0/4,0	4,0/4,0	2,75/6,0

Fonte: Arquivo Pessoal.

Com base no que se observou, os alunos do G2 já apresentavam um nível de leitura alfabética, com isso, eles foram submetidos a outros testes que verificavam o nível de leitura rápida, a teoria da mente, tendo em vista que a memória de curto prazo para quem é TDAH, é uma área cerebral que é afetada, teste de leitura e escrita rápida e metáforas e interferências. Dentre os testes apresentados, os resultados obtidos no pré-teste e pós-teste da coluna metáfora

e teoria da mente, foram os que mais sofreram com a aplicação. Neste sujeito, a subjetivação e termo metafóricos linguístico e muito comprometido, tendo em vista que estes alunos entendem o sentido literal do termo. Observa-se nos resultados de ambos os grupos que cada um apresenta uma particularidade de leitura e escrita. Os dados referentes ao teste de identificação precoce nos problemas de leitura em situações pré e pós-testagem evidenciaram a importância da realização de uma avaliação que enfoque as habilidades fonológicas e a relação letra-som no âmbito clínico e educacional, visto que isso auxiliaria as crianças em situação de alfabetização a desenvolverem habilidades cognitivo-linguísticas necessárias para a aprendizagem da base alfabética do sistema de escrita do português brasileiro. Somente por meio desta instrução formal, seria possível garantir que as crianças que não apresentassem aprendizagem do mecanismo de relação letra e som fossem eletivas para o diagnóstico da dislexia.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. J. R. **Criatividade e suas relações com inteligência em crianças com e sem dislexia**. 2013. 166 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica. Campinas, 2013.
- **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA**. Disponível em: < [http:// www. dislexia.org.br](http://www.dislexia.org.br) > Acesso em: 10 jan. 2015.
- CYPEL, S. O papel das funções executivas nos transtornos da aprendizagem. In: ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. **Transtornos da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 375-387.
- DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**. Tradução: Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012. DÉMONET, J. F; TAYLOR, M. J; CHAIX, Y. Developmental dyslexia. In: *The Lancet*. v. 363, n. 1, May, p. 1451-1460, 2004.
- DEUSCHELE, V. P.; CECHELLA, C. **O déficit em consciência fonológica e sua relação com a dislexia: diagnóstico e intervenção**. *Rev CEFAC*, v.11, n. 2, 194-200, 2009.
- FRANK, R. **A vida secreta da criança com dislexia**. São Paulo: M. Books, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e terra, 2011.
- Gagné, Ellen. D.; Yekovich, Carol Walker; Yekovich, Frank R. ***The cognitive psychology of school learning*** New York: Harper Collins College Publishers, 1993.
- GOLFETO, J. H.; BARBOSA, G. A. Epidemiologia. In: ROHDE, L. A.; MATTOS, P. **Princípios e práticas em TDAH**. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 15-33.
- GUARESÍ, R. **Dislexia: entre os avanços das neurociências e o despreparo dos profissionais de ensino**. 2013.

- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro:** Objetiva, 2001.
- KABREU, k et al Eduardo KENEDY. E. **Psicolinguística: estudo no Brasil.** Disponível em < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/29670/21209>> acesso em 28 de dezembro de 2022.
- Kintsch, Walter; Van Dijk, Teun A. **Toward a model of text comprehension and production.** *Psychological review* 85.5, (1978): 363-394.
- LANHEZ, M. E; NICO, M. A. **Nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares.** São Paulo: Alegro, 2002.
- LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador.** 15 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- LENT, R. **Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociência.** Rio de Janeiro: Atheneu, Faperj, 2001. p. 619-650.
- MASSI, G. A. **A desconstrução do conceito de Dislexia.** *Paidéia.* V. 21, n. 50, p. 403-411, set-dez, 2011.
- Memórias de trabalho e desempenho em leitura: Um estudo com crianças do ensino fundamental, MASCARELLO L. J. 2016.
- **Psicolinguística e Educação** MAIA M. Campinas, SP: Mercado de letras;2018.
- RIESGO, R. S. Transtornos da atenção: co-morbididades. In: ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; _____. **Transtornos da aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2006a. p. 347-363.
- SANTOS, C. C. **Dislexia específica de evolução.** 2. ed. São Paulo: Livro dos Médicos, 1987.
- TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística.** Trad. Rodolfo Ilari. Rev. técnica Ingedore Villaça Koch e Thaís Cristófaró Silva. São Paulo: Contexto, 2004.
- Van Dijk, Teun Adrianus; Kintsch, Walter. **Strategies of discourse comprehension New York:** Academic Press, 1983.
- VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem.** 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica.** São Paulo: DP&A, 2002.